

O retrato do artista enquanto foge

ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE

O retrato do artista
enquanto foge



Infothes Informação e Tesouro

P682 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
 O retrato do artista enquanto foge. / Antonio Vicente Seraphim
 Pietroforte. – São Paulo: Annablume, 2007. (Coleção Dix Editorial)

64 p.; 14 x 21 cm

ISBN 978-85-7419-758-6

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Título. II. Série.

CDU 869.0(81)
CDD 890

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

O RETRATO DO ARTISTA ENQUANTO FOGUE

Coordenação Editorial
Joaquim Antonio Pereira

Produção
Lívia C. L. Pereira – Paginação

Capa
Camila Ribeiro
Lívia C. L. Pereira

1ª edição: novembro de 2007

Uma publicação da Editora Annablume

© Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

ANNABLUME editora . comunicação
Rua Padre Carvalho, 275 . Pinheiros
05427-100 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televendas 3031-9727
www.annablume.com.br

À guisa (ou aos guizos) do prefalo

Antonio Vicente Pietroforte nos propõe um carnaval das carnes, faz com a língua acrobacias rabelaisianas, faz sangrar sua Camila Badebec, brinca de Gargântua. Antonio Vicente Pietroforte é o Pantagruel da Praça Roosevelt, o novo rei dos Dipsodos.

Com o slogan glauco-glauberiano “*uma mão para punheta, outra para o livro*” AVP passeia – *flâneur* – por entre as dobras e reentrâncias de sua Nana, de sua doce Alice anamórfica.

Faz seu bloomsday no cu da sua amada.

Se Rimbaud já escreveu *Ce qu'on dit au poète à propos de fleurs*, o que resta dizer aos corações sensíveis melosos ou aos “*otários frankfurtianos fora do mercado*”?

R.I.P. or Fuck Off?

Descanse em Paz ou Foda-se!

Com Rimbaud, Lautréamont, Bataille e afins, AVP aprendeu que é preciso torturar a língua, seviciá-la. Testar, pelo caminho do espancamento e do insulto, todas as possibilidades ergonômicas da escrita. No clímax deste processo, é como se, nos poemas finais deste livro, o *Grasshopper* de Cummings contaminasse a sádica narrativa da novela *Mōjū* de Edogawa Rampo para

formar com ela lúdicos objetos lúbricos, relâmpagos e grafismos ótico-eróticos – uma espécie selvagem de concretismo *bondage*.

Sua poesia busca a curra, a violação, o defenestramento:

A V P é anagrama de P A V (pau).

É pau, é pedra, é punk. É o fim do caminho.

Sob os guizos do seu falo, toda violência se concentra.

AVP é um Alcofrybas Nasier com o nariz sangrado de cocaína.

Sua escrita é pichação – escarro *gonzo* sobre uma Camila em túneis, uma Camila em obras. Uma São Paulo tosca e demente – como *La Géante* de Baudelaire – se abre para a delicadeza de seus haikus fálicos:

“toma cuidado / o emplasto que segura o saco / o talco no lugar da flor”

“neva cocaína na cidade de São Paulo”

“o verbo a boca o tronco / da sequóia // o céu da boca / no trombone raro // no estrangulamento do caralho / grito mudo em porra”

“o Buda toca uma punheta, e goza /) mas (sob o céu da Pérsia / no bico do Simorg / ela é minha de verdade”

Pequenos jatos, filigramas de porra branca – *punti luminosi* – que evocam Brancusi e Ungaretti sobre nádegas lunares.

Em busca de uma selvática Dulce Veiga, AVP atravessa SP – Maldoror riscando o Anhangabaú. Bebe sua sopa de febres, vomita sua náusea.

É o retrato do artista enquanto foge.

“a história do capitalismo / depende do petróleo / depende da maçonaria / depende do Unabomber e do motociclista”

De moto na avenida Mersault AVP matou um árabe. Alucinações. O sol lhe derretendo as têmporas.

Matou Camila e foi ao Cinema.

Antonio Vicente Pietroforte lança coprografias contra a *Weltliteratur* ao som dos *Tehellim* sacros de Steve Reich.

Compõe cinemas de Sade.

Sua glândula estoura em grande angular:

spanking

) tinta do pintor no corpo (

dripping

) arte de torcer a carne em corte
em dor

movimento brusco do (

spanking

all over branco cor de rosa

all over vermelho cor de cravo

all over rubro lilás roxo

dripping

) só é figurativo o corpo (

spanking Camila

Eis a flor do seu segredo - AVP nos ensina a mais cruel lição lingüística:

Diante do espelho, toda Camila é Camus.
Enquanto se corta. Enquanto se rasga.

Humpty-Dumpty *Kaos* – AVP constrói cidades e sintaxes a partir de sexualidades barrocas.

Deformações, jogos de espelhos, perversidades –
le trompe d’oeil pour le trou du cul:

*“renuncia a teu reino agora / como Ibrahim Bin
Adham renuncia // quem passeia pelo teto há horas /
como Isadora Duncan passearia / a procurar camelos? /)
o amor a poucos passos dos amantes (// ainda cedo já te
via solta / a levantar da cama indecorosa // guizo ao
tornozelo preso / sino no pescoço vaca / e o universo
gira ao redor da Terra // como antes”*

Como numa pintura de Koryusai, São Paulo goza
sorridente sob os pingos da *Golden Shower*.

Entre dois haikais – “livro aberto / na quietude da
noite / um regaste” e “livro aberto / na quietude da tarde
/ um seqüestro” – postos no começo e no fim de *O retrato
do artista enquanto foge* – o desespero, a angústia, a
violência abre e fecha seus pequenos e grandes lábios.

AVP é uma espécie de Proust SM em busca do
tempo sodomizado.

Delmo Montenegro
Recife, Pernambuco
Agosto de 2007

Delmo Montenegro é poeta, ensaísta e tradutor. Autor de *Os
Jogadores de Cartas* (Bagaço, 2003) e *Ciao Cadáver* (Landy, 2005).
Editor – junto com os escritores Fabiano Calixto, Marcelino Freire,
Micheline Verunsch e Raimundo Carrero – da revista de literatura
ENTRETANTO (Ateliê Editorial, 2007).

para Camila
antes de tudo

... e pelas poesias de

Claudio Daniel
Delmo Montenegro
Fabiano Calixto
Glauco Mattoso
Joca Reiners Terron
Paulo Leminski

O retrato do artista
enquanto foge

livro aberto
na quietude da noite
um resgate

o que apetece, Balzac?
na descrição da forma mais
bonita, você se perde entre
o desenho e o fato; e agora
Glauco, na hora de fazer
mais um soneto, qual parte
do corpo que você escolhe?
a tinta da melancolia
te entrega uns braços, a veia
do poeta negro se toca
quando fica duro; palmeira,
a menina loira desmaia
sobre a mata, a pata da
donzela ciumenta te
consome como te consome
o pulso machucado; muitas
putas para Henry Miller, para
Jean Genet, travestis, viados
como na Ilíada, Aquiles
e Pátroclo; continua a
saga no drama, na comédia
é sempre uma mulher que te abre
o Céu como se abrisse as pernas;
como Camões na redondilha
pede um beijo às lavadeiras, Joyce,
numa carta à namorada
pede peidos na cara

permita que te amarre as pernas, Eva
abertas, nos cantos da cama, clama
pela noite adentro, Isís, faz fluir
o Nilo sobre a Babilônia, Hera

transforma a ninfa que repete a Eco
reza, pede a Santa Lúcia que se
faça luz dentro do quarto, Medusa
paralisa meu membro como pedra

que já fica duro, Flora, espinho
da rosa feito imagem de Maria
Circe, me transforma em porco, Obá

se resolve na lama, na sujeira
escuta o amor de Deus como Joana
D'Arc soube, acesa na fogueira

a asa do decote pronta
pra virar balão
a cadela de Roma vem de bala no farol de trânsito

te assaltara de noite
como coruja
mimetizada na fumaça preta
como borboleta
escura

como te comove a menina
feito garça negra sobre a perna reta
o pé descalço rente no asfalto turvo?

desespera pela Roma Negra
o Coliseu noturno

frutifica
semente
no asfalto duro

uma mão para punheta, outra
para segurar o livro. Vilma
Azevedo no papel de submissa
literatura sadomasoquista

será que a narradora é bonita
como seria se escolhesse sua
cara? o conto é publicado na
revista feito livro censurado?

abre as pernas, o livro no lugar
das namoradas, o amor se dá
em plenitude sob a ditadura

a lombada dura, a rigidez das
regras da gramática, a mão no
conto escondida e no meu pinto duro

é como o prazer do chocolate
o gosto fica mais intenso
quanto mais a língua se acostuma ao fato

é como o aperto do peido
pronto pra estourar o saco
na comida de rabo

ana rra dor ana entrada da Alcova
si nis tra

separa assílabas da palavra euforia:

órgão no por tão da putaria
até como foderolivrosina

a poesia
sobe
no
pescoço
da girafa

a rola
do
elefante
é grande

esse
é seu
pau?
é sua
tromba?

esse
é meu
pau
a tromba
não tem
fim
se fosse
a tromba
espetava
sua
bunda
no
branco
do
marfim

está parado em frente ao Elevado
na Amaral Gurgel

toma cuidado
o emplasto que segura o saco
o talco no lugar da flor

puro Mistral
desceu pelo nariz nervoso

havia um sex-shop ali ano passado

beleza
há um pôster de mulher pelada
imenso
em cada prédio

dureza
fingir indiferença à mendiga suja
o pé descalço
a coxa dura
a curva da cintura
no vestido dado

vazio?

por que duas lésbicas precisariam
de um pinto de borracha
para completar o trio?

atravessa o inferno a procurar por ela
pronto pra virar poeta

fala sério!
será que vale a pena?

vale
se o teor da erva é boa
se o travesseiro dela
tem recheio de macela
do campo
como flor aberta

cê perde!

atravessa o oceano
no navio imundo
trancado no porão
fera

estranho na cidade grande
não deixa pedra sobre pedra
macaco
feito King Kong
queda

asfalto ao meio dia cinza
agreste
o centro de São Paulo sob o Trópico de Capricórnio
a Catedral da Sé
o Largo de São Bento e a Liberdade

garganta seca
o homem na multidão faz o deserto
imenso

o olho seco
espinho

cigarro de maconha aceso
no prédio do arquiteto comunista

a alça da mira está em toda parte
os fuzis e as metralhadoras em ação no Brasil

cover do Zappa no Café Piu-Piu

a namorada sado

Mafu visita a Liberdade

o youkai das drogas tem poderes

fumaça!

surge uma neblina imensa pela madrugada

farinha!

neva cocaína na cidade de São Paulo

um oriki para Mafu na página do livro!

uma pala

o poeta gago

anuncia

começa pela capa
concebe o sentido como relação
a juba do leão parece estampa do vestido
a corça pisa minha cara com seus pés de bronze

o livro vale pela capa
reproduzido tecnicamente
o delírio gráfico de Gutenberg
foi iluminado pelo espírito divino

prolifera feito câncer pelas livrarias
se oferece como puta
o filho da puta merece ser comprado
por otários frankfurtianos fora do mercado

renuncia a teu reino agora
como Ibrahim Bin Adham renuncia

quem passeia pelo teto há horas
como Isadora Duncan passearia
a procurar camelos?

) o amor a poucos passos dos amantes (

ainda cedo já te via solta
a levantar da cama indecorosa

guizo ao tornozelo preso
sino no pescoço vaca
e o universo gira ao redor da Terra
como antes

Bin Laden atravessa São Paulo
na garupa da motocicleta

seu rosto figura como Cristo na imagem
borrada, necessita tempo
para ser o árabe

o que dirá o maníaco homicida
inimigo da democracia
ao motociclista?

qual será o alvo do profeta?

a guerra se entrega ao longo da avenida
feito gasolina
alimenta o tronco proletário

a história do capitalismo
depende do petróleo
depende da maçonaria
depende do Unabomber e do motociclista

um namoro sob o planetário
no Parque do Carmo sob a luz
da Lua lunático sob a
luz da vela acesa ao sair
de casa preparado

cuidado
porque fica fácil sob a luz
da Lua porque sob a luz da
vela fica dócil e antes mesmo
que você diga *Auschwitz* o
poema surge

um hino para Medusa
quase uma cantada

cuidado que a Medusa
só pode ser tocada
na fotografia

proibida
a face mais bonita
fica interdita

te transforma em pedra ainda
a medusa viciada

te pretere com uma menina
mesmo se a tivesse
morreria

para Gia Carangi

conhecer a flor
dissecada na
biologia, nas
vitrines da flor-
icultura, ar-
quitetura da
florista louca, na
mão sustenta o ra-
mo da papoula, es-
cuta o apelo do
poeta novo

pó
para a poetisa
dos infernos, pó
para esticar na pá-
gina do livro, para
varar a noite a-
dentro e germinar
no verso do po-
eta bêbado

um grupo um
no subsolo do masp

marcha sobre a
cidade a criatura

viva

habita
numa imitação sonora

básica
do dinossauro sólido

monstro
corre pela fita magnética

derruba os prédios
qual cortina aberta
resultado do encontro
raro

um

sentimento pleno
de um

artefato prático

para Zé Eduardo Nazário e Lelo Nazário

semper ipsa quando alia

Klaw
o senhor do som

[B(2)/10-0.75-K.78]-P(2)-[0(4)/8-0.75-K77]

sem nexo

quanto Mobile/Stabile

e a adorável fala
da Regina Porto

para Lelo Nazário

América L

América

sinal
extremo
L

nexo
da letra
L

incide intensamente
I

no lago do papel
um traço

forma de dueto

americano lapso

Nossa Senhora Desatadora de Nós
intervenha

o Sol
brilhando
sobre o
arrozal

permita

amarrada
como você gosta

fica

primeiro salmo para Camila

a palavra cachorra não morde
a palavra tortura machuca

cada T parece outra volta
na engrenagem do leito de Procusto

a palavra amarrada segura

m
som que a boca calada
pronuncia

A
como acorda sua menina

segundo salmo para Camila

o papel de arroz embrulha o corpo dela
estilete
corte mais do que navalha
caravela
cometa que não sabe de nada
interna

o corte onde fica escondido
na coxa
escolheu o cabo cor de rosa
combina
filha da puta
é por isso?

terceiro salmo para Camila

de tanto esconder 50 gramas na calcinha
na confusão, me deixa alucinado
não sei se quando chupo sua boceta fico louco
ou se fico com tesão
quando fumo um baseado

maconha, chá de erva doce
devolvam senso e sanidade
ao louco, que já faz um ano,
http //
o canto da sereia que
se torna imagem, ww
w. subgirl .
com / ela entra em sua vida

para sempre, Molly com dois
ll's; parecem duas barras
de cadeia; o holandês
voador navega – fantasma
pálido – se queda frente ao
riso dela; ela sorrindo
quando pisa em pedras, descalça,
a musa se descalça na Internet

mostra as pernas; a saia justa
mostra a bunda dela; o pé sujo
pela escada afora; vai dar
na calçada da fama em Holly
wood; se fura no alfinete
agudo, se amarra n'agulha
fina; ilude; mente pela
rede afora, se é que existe Molly

o brilho da água se recorta
no vôo do inseto

o Buda sentado alucina
esmeralda incrustada no olho de vidro
a loucura do fungo
nos *night clubs* em Nagasaki
pássaro feito de plástico
tão bonito que parece de verdade

minha doce emoção

se desgasta no excesso da palavra
o brilho da água
já não diz mais nada

mas soluça a água salgada do teu olho falho
grita na garganta, mais viscosa
só me diz a água
que do teu olho vaza
lacrimosa
neblina produto da fumaça
zebra riscada com chicote

o Buda toca uma punheta, e goza
) mas (sob o céu da Pérsia
no bico do Simorg
ela é minha de verdade

para Camila

a capa preta

) para chuva (

nudista

há nada para ver por baixo

) ? (

há tudo

molhada

a céu aberto

nuvem

de fumaça preta

acaso

só pode ser a causa
a chuva

silêncio

(em torno do seu passo estreito

) abaixo das canelas – nua – (

a caravela escura

do holandês maluco)

Camila exibicionista

da lírica e do lírio

lira

da corista grega

japonesa & hanya
testaboceta

μέλος

huan



flui chinesa

no hexagrama

uma flor
para a namorada atenta
eterna como nosso amor
durará o tempo do planeta

viva
quando imita a forma
a pulsação do plástico
sob a flor

um romântico para Camila

do latim *fellare*
mamar, chupar
no /a/
vogal é longa
aa

megafone na boca da cantora

– a gula do peru perante a faca –

ainda resta a mão a segurar o saco

o verbo a boca o tronco
da sequóia

o céu da boca
no trombone raro

no estrangulamento do caralho
grito mudo em porra

jato

de porra ao léu da boca da cantora

Camila em felação

adoro comer uma rosquinha
melhor ainda quando o doce é grande
em forma de botão de rosa, no
meio, quase nada, só buraco
recheio, tem por dentro marshmallow
por fora, sua cobertura é chocolate

mas prefiro comer o seu cuzinho
ele é redondo, feito doce, no
meio, delícia de buraco
aperta meu caralho com mal trato
no fim, guarda consigo o creme branco
lácteo, às vezes faz lembrar
chocolate

um anal para Camila

tentativa

gótica
) parece (

ball gag

beijo congelado

beijo

frio

rosa congelada

a boca a boca a boca

handcuffs ankle
cuffs

réquiem

a pêra de angústia
fruta

Camila masoquista

arrepio

sopro

espinhadorso

úvula

instantaneamente

curra

você por um momento

sóbria

você por um momento

sobre

o monstro do arrepio

coxa

o mastro do navio

vento

Camila por cima

shortsvermelho
rectus
vermelhovermelho
procto
vermelhovermelho
zen
o vôo da garça
zen
o vôo da garça
ergo
sem dramasemdrama
erectus
malae tenebrae
Orci
rubent rubent
como
se trata do *corpus*
como
se trata do *animus*
incógnito
trata-se da *mens*
lubrax
trata-se do *noûs*

outro anal para Camila

a camiseta preta escrito punk
os pés o anel a perna o braço punk
a pele a atitude punk sobre
a pele branca branca branca branca
o traço branco do desenho branco
o risco a barra a camiseta preta
a faca a faca a faca a faca a faca
o V a coxa o J o seio o cabo
a camiseta a perna escrito punk
a coxa os pés os tornozelos pulsos
o corte a coxa o corte rubro punk
a atitude rubra sobre a pele
rubra o pulso os tornozelos rubros
os pés a perna a camiseta punk

Camila quando se corta

a trança negra o nó a trama o nó em
rabo de cavalo a trança segura
pelo cabo faz girar tua cabeça
a trança negra o rabo de cavalo
silvo do pássaro mágico de Vishnu
a casa é do macaco trágico no
inferno cúbico grito outro silvo
do pássaro mágico de Vishnu outro
risco no dorso no rabo no apelo
da macaca ávida transita pelos
silvos do pássaro mágico de Vishnu

Camila chicoteada

spanking

) tinta do pintor no corpo (

dripping

) arte de torcer a carne em corte
em dor

movimento brusco do (

spanking

all over branco cor de rosa

all over vermelho cor de cravo

all over rubro lilás roxo

dripping

) só é figurativo o corpo (

spanking Camila

cidade
grande

uma dama
sub missa
uma dama

prata
prata

quadra de rua
para o poeta
perverso a
olhar pra baixo

no orvalho da manhã
suja e fresca
Camila e o asfalto

flores
de ameixa

o Sol
sub mete
o Sol

morro
morro

um renga para Camila

há-sha-mý-im meh-as-peh-rim ka-vóhd Káil

) um salmo mínimo
para que a amada fique transformada (

ba-tóf u-ma-chói
ba-mi-nim va-u-gáv
ba-tzil-tz-láy sha-máh
ba-tzil-tz-láy ta-ru-áh

) inesperado esse salmo
parece que não muda nada (
aparece sempre transformado (

hal-le-lú-hu ba-tóf u-ma-chói
hal-le-lú-hu ba-mi-nim va-u-gáv
hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy sha-máh
hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy ta-ru-áh

ninguém repara, amada
você não leva nada
em uma noite escura

quem sabe alguma prece rara, súcubo
a vespa pronta pra bater as asas
com ânsias, em amores inflamada

decotada, a Vênus
indecente, desfruta
ó ditosa ventura!

a sensação do tato
sob os pés, prece rara
- saí sem ser notada

o chão é caramelo puro, gata
sussurra pela noite escura, fada
estando minha casa sossegada

toda saga de família é falsa
na família, só a tia masoquista
espreita

livro não pode
impressiona a gente
ler não é bem uma coisa de homem

dinheiro serve para o lanche
na hora do recreio

olha a trapaça
livro escondido no casaco
como se já fosse droga

come o livro
já te dei dinheiro
come o livro feito traça

um retrato do artista enquanto foge
paralisado no retrato enquanto
essa é a tara do cara do lado
no retrato a voz macia macia
um retrato do artista enquanto fuma
evitará os males entendidos
enquanto fuma enquanto olha para
baixo o retrato do artista enquanto
fode a figura de você descalça
exposta a tara antes do retrato
exposição do artista enquanto foge

livro aberto
na quietude da tarde
um seqüestro

pg 28

O verso *Apressa-te a renunciar a teu reino, como Ibrahim Bin Adham renuncia* é do poema *Ibrahim Bin Adham e seu amor pela música*, do Masnavi, de Jalaluddin Rumi.

pg 33

Marcha sobre a cidade é o título do primeiro disco do Grupo Um e de uma composição de Lelo Nazário.

pg 34

Klaw, o senhor do som, é um dos inimigos do Quarteto Fantástico, da Marvel Comics. *[B(2)/10-0.75-K.78]-P(2)-[0(4)/8-0.75-K77]* e *Mobile/Stabile* são títulos de composições de Lelo Nazário.

pg 35

América L é o título de uma composição de Lelo Nazário.

pg 40

Os versos *devolvam o senso e sanidade ao louco / que já faz um ano* foram inspirados nos versos *devolvem senso e sanidade / ao louco que num outro ano*, do poema *Amor, prazer, tempo e lugar*, de Arnaut Daniel, traduzido por Augusto de Campos.

pg 54

Os versos em hebraico são citações dos cantos de *Tehillim*, de Steve Reich, inspirados nos Salmos de Davi.

há-sha-mý-im meh-as-peh-rim ka-vóhd Káil - Os céus declaram a glória de Deus

hal-le-lú-hu ba-tóf u-ma-chói - Aleluia com tambores e danças

hal-le-lú-hu ba-mi-nim va-u-gáv - Aleluia com cordas e sopros

hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy sha-máh - Aleluia ao som dos címbalos

hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy ta-ru-áh - Aleluia ao som metálico dos címbalos

pg 55

Os versos *Em uma noite escura / com ânsias, em amores inflamada / ó ditosa ventura! / - saí sem ser notada / estando minha casa sossegada* são de poema *Noite Escura*, de São João da Cruz.

pg 57

Os versos *Qual é a tara / do cara do lado?* são do poema *Fique preparado*, de Joca Reiners Terron.

Por fim, quero agradecer ao poeta Delmo Montenegro, que fez a seleção e a combinação dos poemas nas páginas do livro.

